

SESC APRESENTA

PATUÁ

EXPOSIÇÃO | RUTH ALBERNAZ
CURADORIA | IMARA QUADROS

Sesc 70
anos

A exposição **PATUÁ** é dedicada às Águas, Flores e Pássaros, forças que movimentam a vida na Terra [...]

Período de Exposição
11 de Junho a 30 de Julho de 2016

Sesc Casa do Artesão
Rua 13 de Junho, s/n, Centro Sul
Cuiabá | Mato Grosso

Patuá como Arte do Habitat

Ruth Albernaz

Escolhi a palavra-alma “Patuá” por se tratar de um assunto que é fonte e substrato desta mostra que apresenta obras inéditas baseadas em pesquisas e experimentações que me envolvo desde 1996, no campo da Etnoecologia. São transportadas para o fazer artístico expressas em suportes, variados que se misturam à elementos coletados dentro da força Xamânica, agregados com fragmentos de poesias, invocações e rezas.

Aqui há um intenso processo de construção com a intencionalidade de conectar o universal/local e espiritual/material no que tange o plano dos sentidos. Trago símbolos/signos e uma imagética da visão sincrética brasileira para a construção de uma ambiência estética presentificados em detalhes subjetivos nas composições, sem estereótipos prontamente identificáveis.

Os “Patuás”, talismãs e amuletos são objetos considerados mágicos/sagrados usados em entradas de casas, atrás das portas como orações e/ou usados junto ao corpo como uma segunda pele com símbolos relacionados à crença do dono. Os mais comuns são escapulários, medalhas de Santo como São Jorge e Nossa Senhora, Cruz, Flor de Liz, Buda e Om.

Na cultura popular cabocla, os Patuás de área externa das casas são compostos por um sistema simbólico com plantas mágicas que sinalizam o sincretismo religioso brasileiro, como: Guiné, Espada de São Jorge, Lança de Ogum, Comigo Ninguém Pode, Pimenteira, Jurema, Quebra de Demanda, Bambu e outras etnoespécies com atribuição mágica e rochas como Cristais de Quartzo ou alguma com formato específico.

Os patuás de entrada de casa dispostos na parte interna, geralmente ficam atrás da porta, são: orações como prece de Cáritas, imagens de Santos (São Bento, São Marcos, Arcanjo Miguel) ou a ave que simboliza o Divino Espírito Santo; espadas; anjos e arcanjos ou até mesmo ferraduras, trevos e olhos gregos.

Há algumas materialidades que os xamãs, pajés, feiticeiros e benzedores guardam para o ofício da cura que podem ser consideradas como patuás, por acreditarem que ancoram poderes de proteção e cura.

Na cultura do povo indígena Amazônica Rikbaktsa, o qual convivo e realizo uma pesquisa [doutorado em Biodiversidade Amazônica], o Tsanipê é a bolsa mágica do pajé e dos guerreiros mais experientes, onde guardam seus objetos de poder como: penas de Gavião Real, colares, plantas medicinais, dentes de onça, fungos [orelhas de pau] e outros itens que consideram sagrados. O Tsanipê é feito da fibra de uma planta rara que ocorre nas margens do Rio Juruena e seus afluentes, “uma árvore que olha para as águas...” O Tsanipê tem formato de casulo, parece uma Crisálida, me inspirou profundamente na construção de alguns patuás que remetem a energia de proteção, do guardião de elementos sagrados e ao mesmo tempo me transportou para os casulos de borboletas que ensinam sobre a transformação/transmutação.

Nesse cenário cultural, esta exposição se apresenta de fundamental importância, pois busca refletir sobre a diversidade étnica, em especial a de Mato Grosso, que bebe na fonte do popular, do nativo e traz uma linguagem completamente contemporânea.

Tsanipê em Ruth Albernaz: competência artística

Marília Beatriz*

No poema **PURIFICAÇÃO DA ESPERA** revelei: “Porque a mágica não é do mágico é do olho que vê”. Parece que é exatamente isso que a artista traz em seu desdobrar trabalhos, obras e tessituras. Seus patuás apontam seu largo amor pela cultura indígena e refletem através de cores, nuances e certa energia que deles emana a possibilidade estrutural da arte reconstruir ritos e guardar a identidade. Não é possível revelar em palavras o quanto de impacto sentido nos traços bem desenvolvidos pela arte maior de Ruth Albernaz. Será que ela também carrega a magia para deixar todos encantados? Será que houve o contágio da cultura indígena em traduzir as belezas dos guardiões das florestas? O que importa agora é receber a obra de Ruth Albernaz e contemplar com atenção o que existe de belo, verdade e amor. Eis aqui a competência artística!

Início de noite gostosa, em maio de 2016

*Mestre em Comunicação e Semiótica / PUC-SP e ocupante da cadeira N° 2 da Academia Mato- Grossense de Letras.

Tsanipê [instalação com materiais diversos, 100 x 40 cm, 2016]



Mãe das Águas [Instalação, materiais diversos, 18,75 m³, 2016]



Caligrafia Invisível da Exposição

Nessa conexão construo obras bidimensionais e tridimensionais, como os patuás de Ruth Albernaaz que configuram imagens em formas de instalações, desobjetos, rabiscos, poesias, frases, citações, pinturas, fotos, desenhos e gravuras. Utilizo os diários de campo e cadernos para a criação de seres imaginários da floresta-cerrado-pantanal em suportes como papel artesanal, fios, fibras, colagens e objetos recolhidos nas andanças ou recebidos dos xamãs, como colares de proteção, flauta, burduñas e utensílios.

A cultura material e o patrimônio imaterial de comunidades tradicionais ribeirinhas, quilombolas, caiçaras, povos indígenas e da sociedade contemporânea urbana e rural do Brasil são pregnadas de simbologias que refletem a construção do pensamento coletivo que está permeado pelas crenças e religiosidades locais, expressos em “coisas que pulsam” nos lugares habitados, ricos em memórias afetivas.

As obras apresentadas neste trabalho resultam de um sobrevoo ancorado no conhecimento de bióloga com as experimentações de artista para propor uma arte sensível, sensorial e imagética. Não há intenção de construir um cenário religioso dogmático, mas uma plasticidade com inspiração a partir dos símbolos, signos que

compõem a cosmologia desses povos que possuem vínculo com seu habitat, lugar de existência, resistência e significação.

Para realizar o processo construtivo da obra Patuá como um todo foi necessário reunir objetos-alma ao longo de uma temporalidade cíclica: o desobjeto central desta exposição, intitulado Patuá Mãe das Águas tem variados suportes: a base de sal rústico que remete ao elemento mineral e a água; armadilha aquática do povo Enawenê-nauê parte do ritual do Yaókwa [tombado como patrimônio imaterial de Mato Grosso] objeto da cultura material/imaterial que traz aspectos indissociáveis e interdependentes da sociedade/cultura/natureza. A armadilha Enawenê me foi destinada para ser sua guardiã por meio de uma grande amiga antropóloga que viveu com eles por alguns anos [uma grande história!]. Geralmente as armadilhas são queimadas quando se fecha o ritual, raras tem a permissão para continuarem... Ela recebeu novas pregnancies como: flores, rochas, fios, fibras e adereços indígenas da cultura Ikpeng, Kalapalo e Rikbaktsa [com toda licença].

As flores-oferendas que brotam nos Patuás foram construídas a partir de papéis artesanais de fibras de bananeira, cana-de-açúcar e fibras nativas que ficaram guardadas

por doze anos no meu ateliê e agora encontraram seu ser. As flores foram elaboradas por minha mãe Iracema Albernaz, 87 anos, a qual ocupa o tempo em poetizar sua existência e trazer leveza para amenizar a tensividade do mundo.

A sensorialidade olfativa foi escolhida a partir de óleos essenciais puros das plantas potencializadoras: Breu [Amescla, Mirra Brasileira, Erva Feiticeira, Incenso] originária da Amazônia, atua na memória mais profunda; Palo Santo [Pau Santo] originária da Amazônia Peruana é uma das principais plantas usadas pelos xamãs dos Andes; Gerânio originária da África do Sul usada para equilibrar o chacra do coração.

As cores escolhidas para compor a exposição são referenciadas por: vermelho de São Jorge e dos mantos Ashaninka (elemento fogo); azul de Janaína, Mãe das Águas e do céu [elementos água e ar]; tons terrosos para ancorar a energia da Mãe Terra [elemento terra e madeira].

Na visita apreciativa da exposição o público encontrará todos os desobjetos que compõe a obra Patuá. Aqui neste livreto apresentamos parte da obra. Oriente aos navegantes “pisar devagarinho e olhar com a alma [...]”

Ruth Albernaaz





Patuá do Conhecimento
[Instalação, materiais diversos, 2 m², 2016]



Patuá-Indumentária
[Instalação, materiais diversos, 150 x 150 cm, 2016]

“Na Ruth Albernaz não se pode passar a régua”!
Diria Manoel de Barros se a conhecesse

Dra. Imara Quadros*

BiologArtista, numa interação tão sensível, tão íntima e tão complementar, que fica impossível qualquer possibilidade de medida, divisa e limite. Profundamente vincula à Natureza, aos biomas de Mato Grosso [Amazônia – Cerrado – Pantanal] presentifica NaturArte em cada produção. Ruth não é filha da água nem da terra, tão pouco do fogo e do ar. Ela é cada um dos elementos, e eles compõem Ruth Albernaz. Com seu olhar curioso, investiga rituais coletivos e individuais e apanha objetos/símbolos/signos/elementos materiais e imateriais em cada descoberta. Religa o universal-local e o espiritual-material, tecendo sentidos e inaugurando diálogos. É com esta gênese que a artista desconstrói-reconstrói-constrói força imagética, traduzida em arte contemporânea. Os olhos da Ruth captam os mundos, que passam a morar dentro dela, e a sua imaginação transvê, reinventando outro mundo, outra coisa. Patuá é um objeto construído na força da crença que carrega o poder mágico da cura e da proteção. Ruth se apropria de apetrechos e materiais diversos nas andanças investigadoras, e os transforma em matéria criativa para engendrar seus Patuás. O poeta Manoel de Barros um dia escreveu “Eu preciso ser Outros”! E talvez esta seja a incessante busca desta artista, ser outras!

*Docente e pesquisadora em Arte.



Vegetal-Patuá [pintura s/ tela, 50 x 40 cm, 2016]

Sobre a Artista



Ruth Albernaz Silveira nasceu em 1972 sob o signo de câncer em Chapada dos Guimarães – MT. Começou seu trabalho de arte aos 12 anos, quando aprendeu fazer papel artesanal no I Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães. Elaborava composições com elementos da biodiversidade do Cerrado sobre os papéis que confecciona. Em sua trajetória se transformou em uma artista visual interdisciplinar, utiliza-se de diversos suportes e linguagens para suas composições como papéis, instalações, desobjetos, pinturas em telas, xilogravuras e poemas. Bióloga (1995) com Mestrado em Ciências Ambientais (2010). Doutoranda em Biodiversidade Amazônica pela Rede Bionorte - MCTI, com a pesquisa junto ao povo indígena Rikbaktsa pelo viés Arte/cultura/conservação da biodiversidade da floresta Amazônica. De 2000 a 2005 coordenou o projeto

social “Vivaarte por um mundo melhor” junto aos jovens do bairro Ribeirão do Lipa – Cuiabá, MT, quando recebeu o I Prêmio Unimed Receita de Cidadania (2003); Moção de Louvor concedida pela Assembléia Legislativa (2003); Moção de Aplausos da Câmara Municipal de Cuiabá (2003); Participou de diversas exposições com destaque para: XIX Salão Jovem Arte Mato-grossense (2000); Salão de Arte de Mato Grosso (2013). Exposição Individual Voos Xamânicos, Galeria do Sesc Arsenal, Cuiabá - MT (2014); Exposição Coletiva Fecundo Cerrado, Museu Morro da Caixa D’água Velha, Cuiabá – MT (2014); Exposição Coletiva Prova de Artista convidada da Exposição Poesia da Linha e do Corte de Lasar Segall, Galeria do Sesc Arsenal, Cuiabá - MT (2015); Exposição Coletiva Transmitologismo João e Maria, Casa do Parque, Cuiabá –MT (2016).

Portifólio disponível em: ruthalbernaz.blogspot.com.br | www.facebook.com/RuthAlbernaaz



PATUÁ são coisas do coração
[Jatoá Kalapalo]

Detalhe
[Flores de Iracema, materialidades p/ instalação, 2016]

Citação na Literatura

Ruth Albernaaz produz papel artesanal [...] agregando a eles elementos catados do chão, como flores, sementes, capins, cascas etc. O trabalho de coleta envolve longas caminhadas no mato, observação, seleção, desidratação e catalogação de plantas e materiais que criam um efeito estético. Ela também cria objetos e desobjetos a partir dos papéis que produz como quadros, mandalas, caixas, álbuns e luminárias [CAMPOS, 2010].

Cristina Campos*

*Doutora em semiótica pela Universidade de São Paulo – USP, citação em: Manoel de Barros: o demiurgo das Terras encharcadas – Educação para a Vivência do Chão, Ed. Carlini e Caniato, 2010, pág. 302.



SISTEMA FECOMÉRCIO - SESC/SENAC-MT

Presidente do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac-MT Hermes Martins da Cunha	Diretor Financeiro Moysés Feres Zarour
Diretor Regional Sesc Mato Grosso Marcos Amorim da Silva	Gerente Sesc Casa do Artesão Jéssica Gonçalves
Diretora de Programas Sociais Flavia Chaves Fehlberg	Subgerente Sesc Casa do Artesão Andreia Tapajós
Diretor Administrativo Jean Jackes do Carmo	Coordenador de Cultura Jan Moura
Diretor de Planejamento João Batista de Oliveira Lemos	Gestor de Marketing e Comunicação Aroldo Lima Verde
Diretora de Projetos Especiais Mariana Ferreira Paschoal	Analista de Marketing e Comunicação Betell Fontes

FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO PATUÁ

Artista Ruth Albernaaz
Curadora Imara Quadros
Textos Ruth Albernaaz Marília Beatriz de Figueiredo Leite Imara Quadros Cristina Campos
Concepção de Iluminação Luís Segadas
Fotos Aruã Callil
Foto da Artista Reinaldo Mota

REALIZAÇÃO

 **Sesc** 70
anos

WWW.SESCMATOGROSSO.COM.BR